

múltiplos, aproximação de forma e conceito dessa hibridação, segundo Sá da Nova (2008, p. 75)

Há um imaginário social que se constrói no cotidiano da dinâmica social brasileira a partir de crenças, tradições, costumes, arte, música, todos incorporados em diferentes expressões sociais e culturais que por sua vez têm origem em MITOS e RITUAIS que constituem parte significativa da Ancestralidade Africana reelaborada no Brasil (SIQUEIRA, 2008, p.143).

Entretanto, a análise da construção identitária aqui, é do ponto de vista da africanidade e dos afrodescendentes. O continente africano, por sua vasta extensão, apresenta inúmeros povos de diferentes costumes. De uma maneira geral, a atividade migratória sempre foi grande por serem em sua maioria povos nômades, bem como pelas guerras entre tribos, quando costumavam vender os vencidos que eram posteriormente escravizados.

Porém, uma forte característica, desse povo é a da transmutação. Mesmo quando foi arrancado do seu território, conseguiu imprimir sua marca de maneira bastante vigorosa aos usos e costumes dos locais onde foi obrigado a viver. As baianas com seus tabuleiros de iguarias nas esquinas, os colares de contas pendurados no pescoço, o colorido das vestes, o toque dos atabaques, os nomes na culinária (acarajé, abará, caruru, acaçá, moqueca etc.), todos esses elementos são signos ou ícones representativos da africanidade, provando que existe sim uma correlação entre o povo baiano e a África (Figuras 40, 41).



Figuras 40, 41: Foto do Povo de Benin - Nigéria e Baianas de Acarajé  
Fonte: Imagens do Google

Esses signos representativos de africanidade estão presentes no mundo todo, por seu poder de impacto e conteúdo emocional. Assim, ele pode ser símbolo e significado, assumindo uma importância extraordinária na atividade artística, também em Salvador, como eixo de sustentação. É como se fosse um cordão umbilical não partido e foi essa capacidade de impor seus costumes que gerou uma arte intensa, colorista, característica, que lhe confere vitalidade criativa na expressão, tanto em território africano como no baiano.

Charlotte Otten (1971 *apud* ABRANTES, 1999) enfatiza a natureza da simbologia africana afirmando que:

Nas culturas pré-letradas ou proletradas, o símbolo artístico se torna o fato, isto é, ele representa, define e manifesta simultaneamente, seus referentes. Nessas culturas os objetos de arte e os eventos são os meios de resgatar a informação em lugar dos livros.

A força dessa influência vem desde a arte primitiva ou naif, encontrada nas ruas do Pelourinho, tanto como em Mestres como Caribé, Didi, Ruben Valentim, Juarez Paraiso, Graça Ramos, Justino Marinho, César Romero e Guache Marques, entre outros baianos, que freqüentaram a Escola de Belas Artes. Inspirados por essa cultura “afro-brasileira” foi criada uma arte diferenciada em seu colorido e iconografia e o diálogo produzido entre artistas de diferentes procedências, revelou ter pontos em comum, que transcendem a africanidade.

O artista plástico argentino, naturalizado brasileiro, Hector Julio Paride Bernabó (1911-1997) conhecido como Carybé, dedicou-se a fazer talhas que focalizavam os rituais e orixás. Emanuel Araújo (2006) comenta que “tanto pinturas como desenhos, esculturas e talhas, refletem a chamada baianidade, através da representação do cotidiano, do folclore e de suas cenas populares”.

Carybé também argumenta que encontrou em Salvador a luz que buscava para dar forma e expressão a sua arte. Esse artista baiano por opção tem murais espalhados pela cidade do Salvador e uma obra repleta de referenciais africanos (Figura 42).



Figura 42: A Mulata Grande III – Carybé, 1980  
Fonte: Imagens do Google

Mestre Didi é o representante mais africano de todos os artistas citados. Nascido em Salvador em 1917, de descendência Ketu, produz esculturas coloridíssimas – com linhas, curvas, círculos, triângulos e setas, moldados a partir de materiais usados nos rituais nagôs – as obras exibem um desenho de formas finas com tendência vertical (Figura 43).



Figura 43: Esculturas de Mestre Didi, 2006.  
Fonte: Imagens do Google

As cores, presentes nos braceletes de couro de Mestre Didi, também marcam referenciais e segredos religiosos. Segundo sua esposa, a antropóloga argentina Juana Elbein dos Santos: o branco (iwá) é o poder que permite a existência, o vermelho (axé) é o que a dinamiza, e o preto (abá) é o que lhe dá finalidade. “A configuração integra conceitos abstratos, com resultados extremamente belos. É uma arte afro-brasileira de corpo e alma” (CLAUDIO, 2008).

Rubem Valentin (1922 – 1991) nasceu em Salvador. Pintor autodidata, sua obra não-figurativa geométrica, está associada ao concretismo e construtivismo e ele, assim descreve como:

Ligada aos valores míticos profundos de uma cultura afro-brasileira (mestiça-animista-fetichista). [...] O substrato vem da terra, sendo eu tão ligado ao complexo cultural da Bahia: cidade produto de uma grande síntese coletiva que se traduz na fusão de elementos étnicos e culturais de origem européia, africana e ameríndia<sup>1</sup>.

Criava seus signos-símbolos míticos, partindo de dados pessoais encontrados em sua raiz africana, transformando em uma linguagem visual poética, voltada para a realidade cultural brasileira, porém, referida como contemporânea e universal. Segundo o crítico italiano Giulio Carlo Argan (1992) “Utilizava como matéria-prima do seu fazer estético, sua ancestralidade africana, o atavismo negro [...] recordação inconsciente de uma grande e luminosa civilização negra anterior às conquistas ocidentais”.

---

<sup>1</sup> Rubem Valentin - Disponível em: < <http://www.pitoresco.com.br/brasil/valentim/biografia.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2009.

Valentim levou sua arte a boa parte do mundo, porque era favorável ao intercâmbio entre povos e nações. A permanência européia, entre 1963 a 1966 não interferiu em seu trabalho e ele sempre manteve um colorido marcante, percorrendo uma trajetória que foi do popular ao erudito, utilizando as ferramentas do candomblé, abebês, paxorôs, todos instrumentos simbólicos dessa religião (Figura 44).

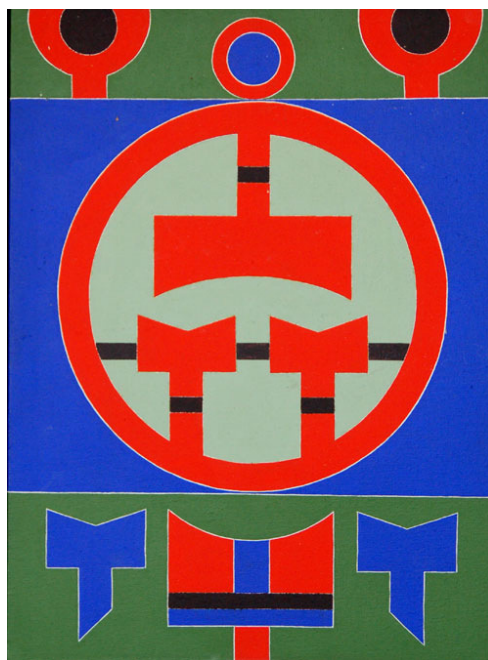


Figura 44: Emblema, Rubem Valentim,  
serigrafia - 1989  
Fonte: Imagens do Google

No retorno ao Brasil, fixou residência em Brasília e possivelmente influenciado pela espacialidade característica da cidade, sentiu a necessidade de recortar, do suporte bidimensional da pintura, seus símbolos e signos, concedendo-lhes a vida autônoma de objetos tridimensionais. Sua pintura transformou-se, em totens, altar, estandarte, escultura pintada e objetos emblemáticos.

Guilherme Merquior (1990) descreve Valentin assim: “Artista dessacralizador de fetiches e de objetos rituais, aos quais imprime os contornos de uma semântica peculiar”. Para Merquior a iconologia afro-ameríndia-nordestina-brasileira manteve-se viva na obra de Valentin e considera ele como pioneiro de uma arte semiótica brasileira.

Juarez Paraíso é pintor, escultor, gravador e ilustrador. Ensaísta e crítico de arte, apresenta um trabalho como artista plástico contemporâneo em que a influência africana é subjetiva, está lá, presente-se, subentende-se na harmonia das formas e linhas, no colorido e na temática. Juarez trabalhou murais e painéis, mantendo um forte colorido sempre integrado aos espaços urbanísticos, arquitetônicos e paisagísticos de Salvador. Assim, é considerado um artista intuitivamente técnico, pelo poder, rigor e preciosismo do seu desenho (Figura 45).



Figura 45: Mural na área interna do Hospital Aliança.

Fonte: Imagens do Google

Contudo, a presença africana é mais forte na série em que Juarez utiliza cabaças e búzios, entre outros materiais, para formar totens eróticos. Nessa série, recolhe da natureza elementos para compor sua arte e deixa explícitas suas raízes africanas nas formas e expressão das esculturas. Nelas, ele faz uma analogia entre as aberturas e reentrâncias encontradas nas cabaças, com os órgãos sexuais humanos, complementando com os búzios, elementos fartamente utilizados na arte africana e que confirmam suas raízes.

Graça Ramos (1948) é uma artista de Feira de Santana, radicada em Salvador desde 1965 que traz a ancestralidade africana inserida em sua obra. Nas

suas mãos, telas, paredes, murais, painéis, caixas, papel, papelão, madeira, tudo vira arte em um estilo pessoal que remete à africanidade.

Em Graça Ramos, a figura humana ganha força e expressão, transformando plasticamente a diversidade étnica baiana (Figura 46).

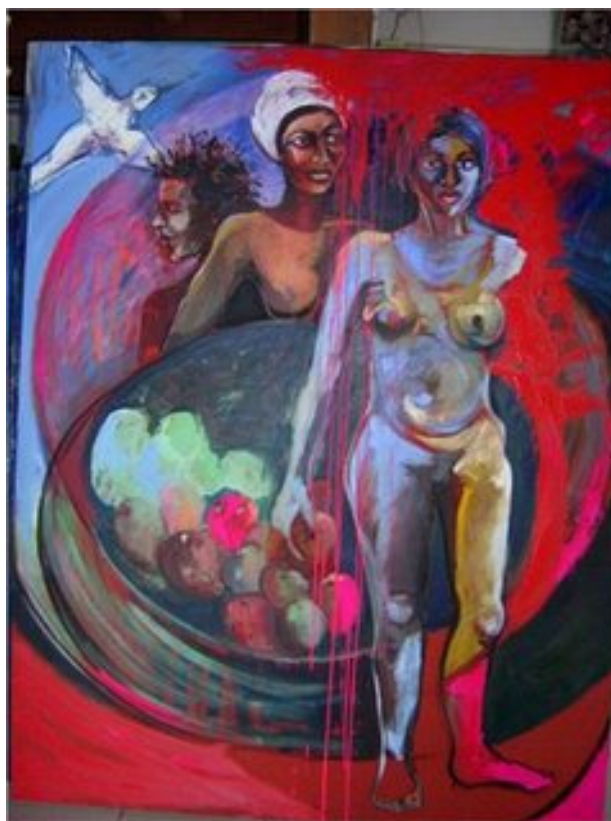


Figura 46: Mangas e Ana, Graça Ramos, 2007  
Fonte: Acervo da artista

Seja num trabalho matérico ou figurativo, ela retrata todas as características desse povo mestiço e marginalizado e, assim como eles, recolhe objetos da natureza, utensílios artesanais para enriquecer sua obra plástica. A própria matéria utilizada nas obras dessa artista é impregnada dessa influencia: O barro, os tons terrosos, os objetos artesanais agregados à pintura de grande exuberância cromática, se contrapõem e imprimem grande tridimensionalidade, desmistificando o suporte bidimensional (Exposição Luz s/terra –1997) resultado da pesquisa pós-doutorado.

Sobre Graça, o crítico de arte Eduardo Evangelista (2002) escreve: “ela adjetiva cores para ser imprecisa” e Romano Galeffi (1988) descreve: “Há em cada quadro um jogo de diferentes tensões que dialeticamente alternam tons cromáticos, quentes e frios [...] mediante pinceladas soltas e transparentes, mesmo se matericamente corposas em sua textura” (Figura 47).



Figura 47: Mural na Galeria Popular Consultec, Graça Ramos, 2001  
Fonte: Acervo da artista

Justino Marinho no início da carreira tinha na linha o elemento plástico mais forte, com o amadurecimento da pintura e a segurança na utilização das cores, passa a trabalhar com a figura humana, numa temática resultante de suas observações cotidianas, passadas para a tela de forma reinventada e pessoal. Em vários momentos apresentou exposições em que utiliza os orixás, ferramentas e objetos desses orixás como temática. Imagens e cores na obra de Justino resultam numa estética, onde se pode fazer uma leitura universalista da africanidade, numa evidente percepção do uso da tradição dos antigos de forma contemporânea.



O uso da pigmentação e das assemblages por processos químicos na busca dos efeitos reticulados são articulados no sentido de organizar um micropontilhismo e uma trama de textura e composições em cores suaves extremamente confortáveis. A obra desse artista plástico baiano apresenta elementos de africanidade, pela estilização dos signos e símbolos (Figura 48).



Figura 48: S/Título, Justino Marinho, 2007  
Fonte: Fonte: Imagens do Google

Cesar Romero (1950) é um dos mais conceituados artistas contemporâneos da Bahia. Utiliza como escrita plástica faixas emblemáticas de cores exuberantes formando desenhos, ou seja, signos da cultura afro-brasileira.

O renomado crítico de arte Jacob Klintowitz (2006) comenta sobre a obra de Romero:

A característica mais notável no trabalho de César Romero é a sua capacidade de se apropriar dos símbolos da religiosidade e da criatividade popular, do fluxo inconsciente do povo brasileiro, e transformá-los numa partitura musical erudita, onde as formas adquirem uma fisionomia de informação vasta, e a estrutura cromática brasileira vai surgindo lentamente, de maneira extremamente sutil. Ele procura, antes de qualquer outra coisa, um referencial que está imerso e emerge da cultura brasileira.

Segundo o próprio Romero, ele “constrói de forma erudita o gosto popular, o sentimento brasílico, os sinais do povo, que é raiz e direção. Busco uma pintura, como quem busca um Hino Nacional. Sou baiano, nordestino, brasileiro e universal, revelando minha raiz brasileira”. Apaixonado pela arte, ele utiliza a linha e a cor para dar forma a signos representantes da religiosidade africana.

A pintura de César Romero é estruturada a partir de um padrão geométrico e a sua expansão obedece a essa forma inicial, multiplicando-a, transformando a geometria estrutural num módulo para o desenvolvimento. Investigação das propriedades das linhas, superfícies e volumes. O desenho do padrão geométrico estabelece o ritmo da pintura, a sua modulação e o seu sistema de multiplicação. A simetria, a repetição, a multiplicação a partir da estrutura sensivelmente desenhada (Figura 49).



Figura 49: Faixa Emblemática,  
Cesar Romero, 2006  
Fonte: Imagens do Google

As características iniciais marcantes da pintura de César Romero são a fluidez e a continuidade. As imagens ocupam integralmente o espaço e o tempo, são simultâneas, constantes, interpenetrantes. As imagens cobrem a tela e nascem uma das outras com naturalidade, num sistema associativo. Elas deslizam diante de nós e, nesse fluir, geram a si mesmo. Faixas Emblemáticas. Fluidez e continuidade.

Guache Marques é um representante baiano da geração 80, que vem mantendo uma temática associada à chamada identidade mestiça ou cultura de tradições afro-descendentes.

O verdadeiro tema das pinturas afro de Guache Marques não é, como se tem dito, a africanidade ou afrodescendência; o tema dessas pinturas é a cor [...] é desse ponto de vista que se poderia falar, legitimamente, em raízes, na medida em que tais relações reverberam subjetivamente, como memória afetiva duma cultura na qual uma Natureza mítica, em contraste com as atuais tecnocracias, é ecoada sem cessar (ARAUJO, 2005).

Sua temática tem como tema central o sagrado e o profano, são signos, símbolos, emblemas e ferramentas de orixás, entre outros referenciais. Suas pinturas são repletas de tons e cores vibrantes evocando os ritos afro e sua magia (Figura 50).

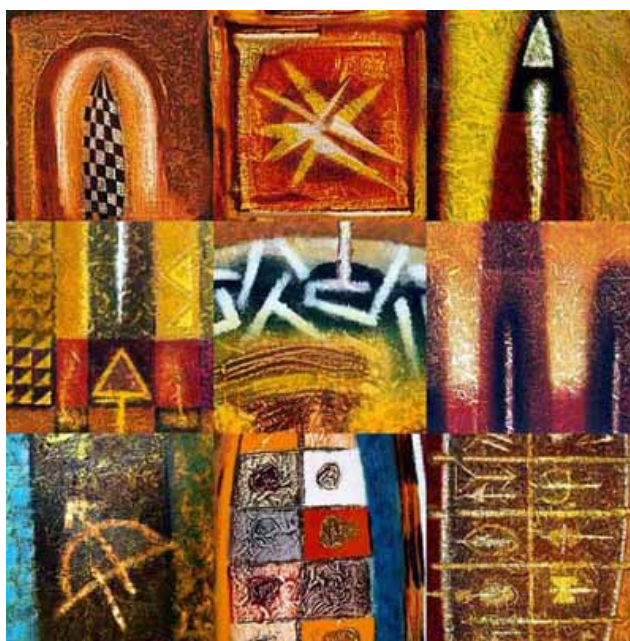


Figura 50: Série Signos, 2006  
Fonte: Imagens do Google

A arte de Guache remete à ancestralidade e suas interlocuções com as diferentes épocas e movimentos, do tradicional ao contemporâneo, onde revisita o sagrado e o profano, os contatos entre Brasil e África.